

Ataque a Cristina gera comoção na Argentina, e oposição vê oportunismo

Atos mobilizam milhares após Fernández, em crise, decretar feriado e convocar apoiadores

Sylvia Colombo e
Mayara Paixão

SANTIAGO E BUENOS AIRES A tentativa frustrada de disparo de uma arma contra a vice-presidente da Argentina, Cristina Kirchner, na noite de quinta (1º), acirrou os ânimos do país. Atos nesta sexta (2) reuniram centenas de milhares de pessoas nas ruas em repúdio à violência política e manifestações de solidariedade partiram também de opositores —que, de todo modo, encontraram espaço para fazer reparos à postura de Alberto Fernández. O fato de o presidente ter decretado o dia como feriado nacional para que o povo “pudesse se solidarizar” com a vice foi interpretado como oportunismo político, em um momento em que a gestão peronista se afunda numa crise de popularidade retroalimentada pela situação econômica delicada, com a inflação que pode chegar a 90% ao ano e a disparada do dólar no mercado paralelo. “Não é o momento para esse tipo de coisa. O atentado deve ser investigado

com seriedade, mas a população deveria ser instada a manter-se tranquila. Esse circo não favorece a pacificação da situação”, afirmou a senadora Carolina Losada. Na mesma linha seguiu Patricia Bullrich, líder do PRO, partido do ex-presidente Mauricio Macri. “O presidente está brincando com fogo e converte uma violência pessoal em jogada política”, afirmou, ainda na noite de quinta. O deputado José Luis Espert afirmou que Fernández se equivocou ao “causar mais raiva na sociedade ao culpar, em cadeia nacional, a imprensa, a oposição e a Justiça”. Em pronunciamento, feito horas após o ataque a Cristina, perpetrado por um cidadão brasileiro de nascimento, o presidente argentino afirmou que por trás da iniciativa está “o discurso de ódio que divide os argentinos”. Ele chamou o ataque de o fato mais grave do país desde a recuperação da democracia. “Esse caso tem gravidade institucional. Atentou-se contra nossa vice-presidente e nossa paz social foi alterada. Afeta nossa democracia, nossa con-

vivência sofre as consequências dos discursos de ódio.” Em meio à comoção na noite de quinta, senadores opositores haviam tirado uma foto ao lado de governistas, no Congresso, para demonstrar apoio à vice-presidente. Depois do pronunciamento de Fernández, porém, vários criticaram a atitude do governo. Na manhã desta sexta, os arredores da casa de Cristina, na Recoleta, foram esvaziados pela polícia e cercados com faixas e fileiras de agentes, enquanto o presidente e seus ministros se reuniram na Casa Rosada. O gabinete migrou horas depois para as ruas no entorno da praça de Maio. Os atos engrossaram manifestações que por semanas ocuparam a vizinhança de Cristina, na Recoleta, contra e a favor de um pedido de prisão da dirigente apresentado pelo Ministério Público, em uma ação que a acusa de corrupção. Muitas das dezenas de milhares de pessoas presentes na mobilização desta sexta defendia a vice e já vinha se manifestando por acreditar que ela é alvo de perseguição

judicial. Os atos, porém, galvanizaram argentinos com a bandeira da crítica à violência política, escancarada no atentado à ex-presidente. O decreto de feriado catalisou as manifestações, favorecendo o comparecimento. As autoridades estimam que cerca de 500 mil pessoas foram às ruas, e outras cidades também registraram atos. De acordo com o jornal La Nación, todos os ministros do governo participaram dos protestos. O presidente —que vive uma disputa interna de poder com Cristina— não se juntou a eles. A manifestação principal aconteceu na emblemática praça de Maio, mas a Recoleta também foi ocupada. Por volta das quatro da tarde —cerca de duas horas depois de Fernández visitá-la e minutos após uma ligação do ex-presidente brasileiro Lula (PT)—, a vice-presidente saiu de casa pela primeira vez desde a véspera, cercada por sua equipe de segurança. Acompanhadas dos pais, crianças formaram parte notável da concentração na praça de Maio. As arquitetas de La

Plata Eugenia Rodriguez Daneri, 34, e Licia Ríos, 47, por exemplo, foram com os filhos de 12 e 6 anos. “Vimos defender Cristina e a democracia”, disse Ríos. Daneri atribuiu a dirigentes de direita a promoção da retórica de violência política que, na sua opinião, está por trás do atentado. Levar as crianças, segundo as mães, é uma forma de introduzi-las na cultura nacional e permitir que criem memórias de participação política. O autor do ataque a Cristina, o brasileiro Fernando Andrés Sabag Montiel, 35, foi detido ainda na noite de quinta. Ele seria transferido para o tribunal de Comodoro Py, para prestar depoimento à juíza María Eugenia Capuchetti, responsável pelo caso. A juíza foi à sede da Polícia Federal argentina para colher o depoimento de Sabag por volta das 21h desta sexta-feira, mas ele se recusou a ser interrogado, segundo a imprensa local. A vice-presidente contou sua versão do caso pela manhã, em sua casa, que ela transformou numa espécie de quartel-general nas horas após o crime.

REPERCUSSÃO

Maurício Macri
ex-presidente da Argentina
“Meu repúdio absoluto ao ataque sofrido por Cristina Kirchner, que felizmente não teve consequências para a vice-presidente. Esse gravíssimo incidente exige um esclarecimento imediato e profundo por parte da Justiça e das forças de segurança.”

Nicolás Maduro
ditador da Venezuela
“Enviamos nossa solidariedade à vice-presidente ante o atentado contra a sua vida. Repudiamos energicamente essa ação que busca desestabilizar a paz do povo argentino, nosso irmão. A Pátria Grande está com você, companheira!”

Gabriel Boric
presidente do Chile
“A tentativa de assassinato da vice-presidente argentina merece o repúdio e a condenação de todo o continente. Minha solidariedade a ela, ao governo e ao povo argentino. O caminho sempre será o debate de ideias e o diálogo, nunca as armas nem a violência.”

Luis Alberto Arce
presidente da Bolívia
“Repudiamos enfaticamente o atentado contra a vida da irmã Cristina Kirchner, vice-presidente da Argentina. Do Estado plurinacional da Bolívia, enviamos todo o nosso apoio a ela, sua família, ao governo e o povo argentino.”

Antony Blinken
secretário de Estado dos EUA
“Os EUA condenam veementemente a tentativa de assassinato da vice-presidente Cristina Kirchner. Estamos ao lado do governo e do povo argentino no repúdio à violência e ao ódio.”

Papa Francisco
“Tendo recebido a preocupante notícia do atentado, desejo expressar minha solidariedade e proximidade nesse momento delicado.”

Luiz Inácio Lula da Silva
ex-presidente do Brasil e candidato à Presidência pelo PT

“Toda a minha solidariedade à companheira Cristina Kirchner, vítima de um fascista criminoso que não sabe respeitar divergências e a diversidade. A Cristina é uma mulher que merece o respeito de qualquer democrata no mundo. Graças a Deus ela escapou ilesa. [...] Esta violência e ódio político que vêm sendo estimulados por alguns é uma ameaça à democracia na nossa região. Os democratas do mundo não tolerarão qualquer violência nas divergências políticas.”

Ciro Gomes
candidato à Presidência pelo PDT
“O atentado frustrado a Cristina Kirchner por pouco não transforma em chuva de sangue a nuvem de ódio que se espalha pelo nosso continente. Nossa solidariedade a essa mulher guerreira que com certeza não se intimidará.”

Simone Tebet
senadora e candidata à Presidência pelo MDB
“Violência política no Brasil, violência política na Argentina. É preciso dar um basta a tudo isso. As lideranças devem recriar essas atitudes. Ainda bem que a arma falhou. Que tristeza! Reafirmo minha posição pela paz na política [e] nas eleições.”



Manifestantes seguram placas em apoio a Cristina Kirchner em Buenos Aires Mariana Nedelcu/Reuters

Bolsonaro cita facada, e senador refuta associações

SANTIAGO, ESTEIO (RS) E PORTO ALEGRE O presidente e candidato à reeleição Jair Bolsonaro (PL) lamentou nesta sexta-feira (2) o ataque sofrido pela vice-presidente da Argentina, Cristina Kirchner, na noite de quinta-feira (1º). Ao falar sobre o caso, ele relembrou a facada que sofreu na campanha de 2018 e ironizou tentativas de vinculá-lo ao episódio. “Já mandei uma notinha. Eu lamento. Agora: quando eu tomei a facada, teve gente que vibrou por aí. Lamento. Já teve gente que tentou colocar na minha conta já esse problema. O agressor ali, ainda bem que não sabia mexer com arma. Se soubesse, teria sucesso no intento”, disse Bolsonaro em visita à Expointer, feira agropecuária em Esteio (RS). Diferentemente do que o

presidente insinuou, a facada que ele sofreu em campanha motivou mensagens em solidariedade de políticos rivais. Os principais candidatos da eleição daquele ano se manifestaram, inclusive Fernando Haddad (PT), com quem Bolsonaro disputaria o segundo turno. “Apesar de não ter nenhuma simpatia por ela [Cristina], não desejo isso para ela. Espero que a apuração seja feita para ver se saiu da cabeça dele [do agressor] ou se alguém, porventura, tenha contratado ele para fazer aquilo”, completou o presidente nesta sexta. O caso tem sido tratado pela polícia argentina como tentativa de homicídio qualificado. A nota a que o presidente se referiu foi divulgada cerca de duas horas depois pelo Itamaraty. O texto

diz que o governo brasileiro “condena o injustificável ato de agressão” contra Cristina. O silêncio público de Bolsonaro até o começo da tarde havia sido alvo de críticas do senador argentino Luis Naidenoff, da União Cívica Radical, em entrevista à Folha. Opositor de Alberto Fernández e Cristina, o parlamentar descartou eventuais ligações entre o ataque e o bolsonarismo. “Sabemos que Bolsonaro vem fazendo declarações contra o peronismo, mas daí a associar as atitudes do agressor ao bolsonarismo é precipitado e raso”, disse. As falas do brasileiro na sexta se somaram a uma série de rugas entre ele e lideranças argentinas —o mandatário era próximo do antecessor do esquerdista Fernández, Mauricio Macri.

Segundo Naidenoff, o momento de gravidade que vive a Argentina está relacionado a “uma escalada da violência no debate político que não mede as consequências”. Para ele, o atentado é uma particularidade da situação local. O senador disse que está ciente de especulações feitas no Brasil devido à nacionalidade do homem que atacou a vice-presidente, mas descarta ligações com o cenário do vizinho. “O ambiente de confrontação que permitiu o terrível incidente corresponde apenas à realidade local”, afirma. Por trás da tentativa de disparo contra Cristina está, segundo o senador, “uma fricção que tem como lógica a identificação de inimigos”. Assim como outros líderes opositores, Naidenoff

condenou o atentado, mas não se mostrou de acordo com o fato de o presidente ter declarado feriado nacional nesta sexta e convocado a militância para marchas e manifestações nas ruas de Buenos Aires, que reuniram dezenas de milhares de pessoas. “Nós deveríamos todos estar de pé e trabalhando, tanto opositores como governistas. O presidente se equivocou ao apontar inimigos como fez em cadeia nacional, acusando imprensa, Justiça e opositores de insuflar o discurso de ódio”, argumenta Naidenoff. “Em tempos como os que vivemos, é preciso chamar à moderação e à cordura, e isso cabe à classe política, aos dirigentes antes de qualquer um.” SC, Paulo Muzzolon e Caue Fonseca